

COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

ESCOLA

No. 1 - OUTUBRO 2012 - FERRAMENTAS DE TRABALHO PARA OS PROFESSORES

N.º1 • OUTUBRO 2012

A formação do professor

N.º2 • NOVEMBRO 2012

Diálogo igualitário

N.º3 • DEZEMBRO 2012

Inteligência cultural

N.º4 • JANEIRO 2013

Transformação

N.º5 • FEVEREIRO 2013

Dimensão instrumental

N.º6 • MARÇO 2013

Criação de sentido

N.º7 • ABRIL 2013

Solidariedade

N.º8 • MAIO 2013

Igualdade de diferenças

N.º9 • JUNHO 2013

**Transferibilidade das
atuações educativas
de êxito**

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR



M^{re}. LUIS JAUSSI / EQUIPE DE
COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM DO
PAÍS BASCO

Atualmente, em muitos centros educacionais, o fracasso escolar está muito relacionado com a procedência social dos alunos. Nos centros educacionais mais conflituosos e com alto índice de fracasso, parte dos professores já jogou a toalha e tenta “sobreviver”, enquanto outros e outras continuam tentando melhorar a situação, mas veem que não funciona. Em outros centros educacionais a situação não é tão complicada, mas continuam encontrando esta relação entre fracasso e situação social dos alunos e, portanto, estão pouco satisfeitos com os resultados obtidos: todos os anos fazem diversas formações e inovações para comprovar, uma vez mais, que estas funcionam com os que já iam bem.

Diante desta situação, quem não se sente tentado a pensar que, se depois de tantas tentativas e tanto esforço, não se consegue grande coisa é porque com estes alunos e estas famílias pouco se pode fazer? Ao invés disso, por que não se questiona a validade do que é aplicado, em que estão baseados aqueles que propõem tais aplicações e se estas já funcionaram antes em algum lugar com características parecidas? Cada vez mais centros educacionais veem que precisam mudar totalmente a abordagem e executar uma transformação global da escola. Este é o caminho escolhido pelos centros educacionais que decidem transformar-se em comunidade de aprendizagem.

Para poder iniciar esta transformação é necessária uma formação dos professores baseada nas teorias e atuações que demonstram êxito com todo tipo de alunos

em qualquer contexto. As atuações são resultado das pesquisas apoiadas e reconhecidas pela comunidade científica internacional. Conhecer estas teorias e atuações de êxito permite uma troca de “chip” nos professores e lhes proporciona ferramentas para a transformação.

ALGUNS ASPECTOS A SE CONSIDERAR NA FORMAÇÃO:

Não se pode experimentar com alunos. Qualquer medida que se proponha tem que estar baseada em evidências científicas, isto é, tem que estar demonstrado, por meio de pesquisa, que as ações produzem êxito em qualquer contexto.

Quanto mais complexa é a situação vivida, mais atuações de êxito devem ser implementadas ao mesmo tempo para que a transformação aconteça. Algumas das atuações de êxito demonstradas cientificamente por diversas pesquisas e pela pesquisa INCLUD-ED são as seguintes: grupos interativos, tertúlias dialógicas, formação de familiares em aprendizagens instrumentais, comissões mistas, todos os recursos especiais ou de reforço intervindo dentro da sala de aula de maneira inclusiva, biblioteca tutorada, participação dos familiares nos diferentes âmbitos do centro educacional e participação de voluntários.

As teorias dos autores das ciências sociais mais referenciadas em nível internacional como: Beck, Chomsky e Castells, entre outros, nos ajudam a entender as mudanças sociais e sua influência nas desigualdades educativas, o tipo de sociedade para a qual estamos educando, as barreiras que foram criadas e como superá-las; Habermas, Mead, Freire, Vygotsky ou Wells, nos ajudam a entender como se aprende e a aprofundar a aprendizagem dialógica ou comunicativa, o enfoque de aprendizagem que melhor explica como se realiza esta aprendizagem na atualidade.

A partir da aprendizagem dialógica (Aubert, A., 2008; Flecha, R; 1997) aprendemos que as interações são o eixo e que, para que exista aprendizagem, é necessário multiplicá-las em mais espaços e mais momentos. Para isso, deve-se contar com toda a comunidade: famílias, outros profissionais, voluntários; dentro das salas de aula, no horário de aprendizagem, e fora, em horário extraescolar.

DIFERENTES ESPAÇOS DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Semana de sensibilização. A formação inicial ou semana de sensibilização consiste em uma formação de aproximadamente 30 horas em que se conhecem as principais teorias educativas das ciências sociais atuais, as atuações de êxito, o contato com experiências próximas que já estão aplicando-as e a reflexão sobre o próprio centro educacional, suas necessidades e por onde deveria realizar-se a mudança. No final desta formação, toda a comunidade decide se quer implementar a transformação ou não.

Algumas mudanças fundamentais são produzidas nos professores através da formação:

» Não é suficiente propor a igualdade de oportunidades, é necessário propor a igualdade de resultados. Não serve “aquí há igualdade de oportunidades e se todos não alcançam é porque não podem ou não querem”. Se a escola não se transforma e fornece os meios para que todos os alunos cheguem a completar a educação superior, estaremos reproduzindo, no âmbito educativo, as desigualdades sociais e contribuindo com elas. Na sociedade de informação quem não desenvolve as capacidades de seleção, processamento, aplicação da informação e de aprender a aprender tem muitas probabilidades de ficar excluído. E todos os alunos têm capacidade para alcançá-las, independentemente, de sua cultura, classe social ou sexo.

» Não se deve adaptar os alunos por meio de um currículo mínimo, pois isto aumenta as desigualdades. Deve-se propor currículo máximo para todos e todas, com as ajudas necessárias para que possam alcançá-lo.

» A escola sozinha não pode dar resposta à diversidade crescente nas salas de aula e à complexidade de situações criadas, em termos de relacionamentos e de convivência, fruto da sociedade de informação. Para superar esta situação, é necessário contar com todos os agentes que se relacionam com os meninos e meninas. O esforço e a motivação para a aprendizagem são fruto das interações que, em muitos casos, teremos que potencializar. Não é um ponto de partida e sim algo a ser trabalhado, através de um

diálogo que tem como base que “todas as famílias querem o melhor para seus filhos e filhas”.

A formação nas coordenações entre centros educacionais. Uma vez que o centro educacional decide que quer transformar-se em uma comunidade de aprendizagem é importante começar a formar parte da rede de centros educacionais e coordenar-se com eles, sempre que possível, em reuniões presenciais ou através da Internet. No País Basco, são realizadas sessões mensais com coordenadores de cada centro educacional onde são combinadas diversas modalidades de formação: tertúlias dialógicas sobre textos de Vygotsky, Gordon, Wells... ou artigos das pesquisas de nível científico internacional; intercâmbio de experiências, trabalho em grupo para aprofundamento de algum tema relacionado com a teoria e a prática dos centros educacionais.

Formações continuadas em cada centro educacional: Em função das necessidades de aprofundamento, em cada centro são combinadas práticas de autoformação, aproveitando dinâmicas e materiais utilizados nas sessões de coordenação entre centros educacionais, materiais das distintas webs de Comunidades de Aprendizagem e formação com agentes externos.

A formação de toda a comunidade: A formação dos professores é muito mais enriquecedora se está aberta aos diferentes agentes da comunidade, porque diante de um mesmo tema, as contribuições de pessoas diversas, com diferentes pontos de vista, permitem um maior aprofundamento. Isso, sem contar o quão proveitoso é reunir os esforços de todos e todas em uma mesma direção.

BIBLIOGRAFIA

- Aubert, A. y otros (2008). Aprendizaje Dialógico en la Sociedad de la Información. Barcelona: Hipatia.
- Flecha, R. (1997). Compartiendo palabras. El aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo. Barcelona: Paidós.
- INCLUD-ED Consortium (2009). Actions for success in schools in Europe.
- Brussels: European Commission
- Vygotsky, L. S. (1995) Pensamiento y Lenguaje. Barcelona: Paidós.

SEMINÁRIO: ESTRATÉGIAS PARA A ESCOLA INCLUSIVA

ESTHER ROCA CAMPOS / ASSESSORA DO CENTRO DE FORMAÇÃO, INOVAÇÃO E RECURSOS EDUCATIVOS (CEFIRE) VALÊNCIA. @SEMINARIO_VALEN

A inquietude para realizar o seminário surgiu no ano letivo de 2010-2011. A partir da assessoria, foi proposto um itinerário formativo de 120 horas com a finalidade de apresentar referências pedagógicas inclusivas. Era composto por três módulos. Primeiro, uma sensibilização e introdução à educação baseada em um enfoque de Direitos Humanos. No segundo, experimentação com metodologias que aproximam a sala de aula a um trabalho baseado na equidade. No terceiro, conhecemos com M. L. Melero e R. Flecha, projetos educativos que trabalham com o esforço da comunidade educativa, com a igualdade de oportunidades, com a convivência de centro educacional e com altas expectativas nas aprendizagens curriculares.

“Me transformou, o seminário foi um curso muito completo, eu me lembro de dizer: isto é um mestrado grátis.” Alicia. Membro da equipe diretora do CAES Santiago Apóstol. Valência.

DESENVOLVIMENTO DO SEMINÁRIO A PARTIR DO ANO LETIVO DE 2011-2012

A decisão de maior impacto nos resultados que obtivemos foi a de constituir-nos como uma comunidade de aprendizagem e aplicar as atuações educativas de êxito (AEE) que geram eficiência e equidade, e estão respaldadas pela comunidade científica internacional (CCI). Optamos por uma formação adequada à sociedade de informação. Portanto, nosso referencial teórico é a aprendizagem dialógica (AD), concepção de aprendizagem baseada na diversidade de interações sob uma concepção comunicativa na qual os agentes educativos que intervêm são diversos (professores, familiares, voluntários de centros educativos). Vivenciamos os princípios da AD e as AEE para poder apreendê-los, já que questionam constantemente nossa prática docente e de

envolvimento pessoal e sempre buscamos a coerência profissional. Tudo isso trouxe como resultado que, a cada sábado, incorporasse-se, pelo menos, um novo participante e que na segunda edição aumentássemos o grupo em 15 pessoas.

“Essa adesão à aprendizagem dialógica, às teorias cientificamente demonstradas, aos resultados de INCLUD-ED, levou o grupo a um nível de formação que não sei se algum dos membros do seminário poderia imaginar”. Armando. Professor. CEIP Padre Moreno. Moixent.

COMO NOS ORGANIZAMOS

Nós nos reunimos um sábado por mês, isto facilita a vinda de membros de âmbitos educativos diversos. O horário está organizado da seguinte forma: das 9h30 às 10h00 temos a acolhida às novas incorporações e dúvidas concretas. Às 10h00 começa a reunião da comissão de coordenação, com um representante de cada comissão mista e a coordenadora do seminário. Às 10h30 começa o encontro com todas as pessoas integrantes. A primeira metade é dedicada ao trabalho em comissões, a realizar alguma assembleia quando algum tema tem que ser compartilhado, ou então, realizamos conferências com especialistas em conteúdos relevantes para o seminário. A segunda metade é dedicada à tertúlia pedagógica.

ATUAÇÕES QUE REALIZAMOS

Atentamos aos resultados e buscamos o êxito na sala de aula, para que as práticas estudadas façam com que todos os alunos aprendam muito. Por outro lado, avaliamos como seminário se aquilo que nos propusemos a realizar avançou com êxito. Não nos reunimos para simplesmente debater, queremos criar conhecimento e fazer de nosso trabalho profissional o melhor possível. Neste sentido, observamos um aumento do interesse por leituras pedagógicas rigorosas e pela pesquisa educativa, como demonstra nossa presença na Conferência final do

projeto INCLUD-ED em Bruxelas e a assistência de 50% do seminário ao I Congresso Multidisciplinar de Pesquisa Educativa (CI-MIE) na Espanha.

ÊNFASE NA DIVERSIDADE DE INTERAÇÕES

O planejamento do trabalho, a partir dos sonhos de todas as pessoas integrantes, permite nossa conversão, como dizia Freire, em “seres de transformação” em uma dupla dimensão. Uma, a transformação do âmbito escolar daqueles que participam: 14 escolas começaram uma mudança de acordo com as AEE. Outra, a transformação pessoal. A maneira de dialogar, abordar os conflitos e nossas expectativas sobre o que somos capazes de conseguir na educação, mudaram. Estamos situados na Pedagogia Radical de Giroux que “se distancia da crítica pela crítica e combina a crítica com a possibilidade” (citado Aubert e outras, 2010).

Alguns sonhos tornados realidade são: apoiar os/as colegas em sua iniciação às novas AEE, criar uma plataforma de intercâmbio de ideias e recursos, começar, no centro educacional, um núcleo de trabalho, conhecer e colocar em prática uma metodologia inclusiva na sala de aula de adultos, visitar centros educacionais que apliquem AEE (passamos dois dias na escola La Paz, Albacete), etc.

“O seminário me deu a segurança para desenvolver tertúlias literárias e grupos interativos. Estou aproveitando como nunca, a cada dia me esforço para ser melhor e vejo os alunos com outros olhos. Encontrei meu lugar, aqui tudo é fácil. Vamos construindo relações pessoais mais fortes e estou certa de que vão durar”. Sara. Professora CEIP Luis Vives. Cullera.

CONCEPÇÃO COMUNICATIVA DA APRENDIZAGEM

A tertúlia pedagógica é um momento maravilhoso que permite colocar em prática o diálogo igualitário. Através dos livros e em interação com os/as colegas,

construímos argumentos com os quais dialogar, em outros espaços.

Esta aprendizagem se transfere, por exemplo, às assembleias, onde “os debates entre diferentes opiniões se resolvem apenas através de argumentos” (Flecha, 2010). Não é fácil, mas a aprendizagem coletiva possibilita que não nos esqueçamos.

“Uma janela se abriu; entrou um furacão que me sacudiu e me fez questionar o fundamento do que faço como professora; também foi entrando uma brisa agradável junto com os colegas, ar renovado que me animou a continuar abrindo janelas. Vejo que não estou só, que somos muitos os que estão abrindo janelas ao mundo”. Sonia. Professora CAES Juan XXIII. Torrent.

AGENTES EDUCATIVOS DIVERSOS QUE APRENDEM JUNTOS/AS

A cada sábado, chegam professores aposentados, estudantes, familiares, volun-

tários de comunidades, etc.. A totalidade se integra nas comissões mistas, junto com a maioria docente, e interagem através do diálogo para trabalhar os sonhos propostos. Estas interações possibilitam aos familiares aproximarem-se da linguagem docente, de suas inquietudes e medos, enquanto os docentes compreendem reflexões vindas das famílias que os ajudarão a resolver futuras questões escolares. Queremos um modelo de atenção à diversidade baseado na igualdade das diferenças.

“Trabalhar em grupo e interagir com pessoas diferentes enriquece muitíssimo, deveríamos transmitir isso aos outros. Nisto se baseia a aprendizagem dialógica. Adoro ser parte dela”. Teresa: Professora de inglês e infantil. CEIP Primer Marqués del Turia. Valência.

Para terminar, vale ressaltar duas coisas que preenchem de sentido minha ordenação do seminário. A primeira, ver como mês a mês as AEE que atualmente apoiam a CCI estão em mais escolas valen-

cianas. A segunda, poder observar a cada sábado os rostos das pessoas que vêm ao seminário: ao entrar, cansados e preocupados, também contentes ao encontrarem-se; ao sair, cheios de alegria, paixão e como dizia J. Gómez, com “brilho nos olhos” (citado Giner, 2011).

Com o passo alegre, continuaremos tornando realidade a escola que possibilita a todos os alunos aprender com êxito junto a seus colegas, aquilo que lhes permita fazer de suas vidas seu melhor sonho.

BIBLIOGRAFIA

» Flecha, R. (1997). *Compartiendo palabras*. Madrid: Paidós.

» INCLUD-ED. *Actuaciones de éxito en las escuelas europeas* (2011). Madrid: MEC

» Aubert, A.; Duque, E.; Fisas, M.; Valls, R. (2004). *Dialogar y Transformar. Pedagogía crítica del siglo XXI*. Barcelona: Graó.

» Giner, E. (2011). *La Amistad deseada*. Barcelona: Hipatia.

O PROJETO DE COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM DE EXTREMADURA

EQUIPE DE COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM DE EXTREMADURA

A equipe de comunidades de aprendizagem surgiu em Extremadura, no final do ano letivo de 2009-2010, pela necessidade de criar laços e redes de apoio mútuo entre os centros educativos, que iniciaram o processo de transformação, para converterem-se em comunidades de aprendizagem (CA). Atualmente, a equipe está formada por uma média de 18 a 20 pessoas de distintas procedências profissionais: professores, membros de equipes de diretoria dos centros educativos que já realizaram a transformação, orientadores, professores universitários e inspetores. Este é um grupo aberto ao qual, à medida que o projeto de CA cresce em Extremadura, novos membros se incorporam.

Os objetivos que buscamos atingir com a criação desta equipe são:

- » Criar uma rede de apoio mútuo e

que seja referência no processo de transformação de centros de CA.

- » Contar com um espaço de reflexão sobre CA que possibilite o desenvolvimento da aprendizagem dialógica nas atuações que realizamos.

- » Ser uma plataforma aberta e transparente de formação – informação.

- » Construir uma rede de experiências que nos dê um respaldo para difundir a CA a outros centros educativos da Comunidade Autônoma.

- » Coordenar as diferentes atuações realizadas nos distintos centros educacionais ou setores relacionados com CA.

Para cumprir esses objetivos, um aspecto fundamental é a formação, prática que abordamos em dois níveis: a nossa própria, como grupo, e a que oferecemos para outros centros educacionais.

FORMAÇÃO DA EQUIPE DE COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM

Com relação à nossa própria forma-

ção, entendemos que para poder formar temos que estar formados e, para isso, utilizamos cinco processos diferentes: a formação dentro da equipe de CA, o seminário de tertúlias pedagógicas, o encontro de tertúlias literárias dialógicas, o encontro anual de CA e a jornada interequipes.

Em primeiro lugar, realizamos a formação a partir da própria equipe de comunidades de aprendizagem, através de análises e reflexões de nossas práticas, para revisar continuamente nossa abordagem teórica.

Em segundo lugar, o seminário de tertúlias pedagógicas está aberto à comunidade educativa e permite uma formação por meio de leituras e reflexões conjuntas de textos pedagógicos. Trata-se de um espaço privilegiado de formação constituído através do diálogo igualitário e das interações que se produzem entre os membros de um grupo, que compartilham uma finalidade. Lemos Freire e Vygotsky. Durante este ano, previmos que,

uma vez realizada a leitura de um livro de um autor concreto, possivelmente Vygotsky, realizaríamos um seminário com uma pessoa vinculada ao CREA (Centro de Pesquisa em Teorias e Práticas Superadoras das Desigualdades da Universidade de Barcelona) que fosse especialista no autor lido, para que, com o livro em mãos, pudéssemos comentar e analisar as ideias e proposições do mesmo.

Através das tertúlias pedagógicas, propusemo-nos a: analisar e debater modelos educativos de êxito, que demonstram a superação do fracasso escolar com resultados muito superiores ao resto dos centros educativos; conhecer as pesquisas mais atuais que nos apontam os aspectos que facilitam o êxito escolar; debater e valorizar novas propostas que melhorem a qualidade dos processos de ensino-aprendizagem; ampliar conhecimento sobre aprendizagem dialógica, práticas inclusivas, comunidades de aprendizagem, etc.; trocar e compartilhar ideias e experiências sobre estratégias inclusivas de atenção à diversidade; promover mudanças no âmbito educativo, familiar e social; criar espaços para compartilhar experiências, formar e refletir sobre elas, e favorecer a “criação de sentido” em nosso fazer profissional.

O encontro de tertúlias literárias dialógicas (TLD) contribui para dar a palavra, sobretudo, às pessoas que, habitualmente, não a têm (mães, avós, familiares, etc.). Costumam ser encontros de alto nível emocional e de conhecimento. A tertúlia introduz ao grupo uma experiência de diálogo em que os textos levam a refletir e entender o sentido das práticas, a buscar respostas às dificuldades encontradas e a tomar iniciativas no trabalho educativo. Durante o ano letivo de 2011-2012, organizamos um encontro com as tertúlias literárias dialógicas de adultos que funcionavam em Extremadura, tanto as vinculadas a centros educativos, como outras desenvolvidas por outras entidades, como o Centro de Promoção da Mulher. Neste encontro ganharam voz as pessoas que, habitualmente, não têm. Foi um momento cheio de emoção e sabedoria, tanto por parte dos adultos participantes, quanto por parte do nosso expositor; Miguel Loza, que, sempre disposto a nos acompanhar generosamente, nos transmitiu sua boa prática, entusiasmo e esperança. Considerando o êxito dessa iniciativa, nos propusemos a celebrar



estes encontros duas vezes ao ano.

Por outro lado, o encontro anual de CA acontece há três anos e busca dar visibilidade às experiências de todos os centros de CA, em Extremadura. Neste encontro, estão representados todos os membros da comunidade educativa e contamos também com a colaboração de formadores e formadoras do CREA que contribuem com a visão teórica, que direciona nossas atuações.

A jornada interequipes começará durante o ano letivo de 2012-2013 e prevê coordenar, refletir, analisar e compartilhar experiências com outras equipes de CA próximas, geograficamente, à nossa, como a de Madri ou de Sevilha.

FORMAÇÃO AOS CENTROS EDUCACIONAIS

Com relação à formação que oferecemos a outros centros educacionais, a equipe de CA tem o compromisso de divulgar o projeto entre a comunidade educativa de Extremadura. Para isso, projetou-se uma série de atuações sequenciadas que implicam, por um lado, na aproximação progressiva às propostas de CA, e, por outro lado, na aquisição de um compromisso com a transformação das práticas docentes do centro educativo e do entorno.

Em outros momentos, a demanda

vinha de um Centro de Professores e Recursos (CPR) para um centro educacional em particular, ou recebíamos um pedido de um projeto para realização de reuniões com os centros educacionais de sua zona. Dessa forma, realizamos cursos com várias reuniões em distintos CPR de Extremadura (Brozas, Hoyos, Trujillo, Azuaga, etc.). E nesse sentido, agradecemos ao CPR de Mérida por apoiar as propostas e demandas de formação que solicitamos. O suporte econômico e de infraestrutura que ofereceram à equipe de CA de Extremadura foi de grande ajuda para nossa formação permanente e para a divulgação do projeto.

Fruto desta divulgação, a cada ano, somaram-se centros educacionais que solicitavam a sensibilização, que constitui a primeira fase do processo de transformação em uma comunidade de aprendizagem. No ano letivo de 2009-2010, quando teve início a equipe de CA, éramos seis centros em Extremadura que tínhamos começado a transformação em CA. Desde então, mais três escolas fizeram a sensibilização com o CREA e iniciaram atuações de êxito em um número significativo de centros educacionais. Buscamos fazer com que esta formação reflita fielmente nossos princípios teóricos, posto que estes são a base que sustenta nossas ações. Preocupa-nos muito

que, como dizia Ramón Flecha, “o frasco e a etiqueta correspondam ao conteúdo”. E é por isso que em toda a informação ou formação que oferecemos sempre indicamos

os livros de referência, as páginas web, fazemos referência ao CREA e explicamos os princípios da aprendizagem dialógica, assim como a linha teórica no qual se en-

quadra a CA. E, como não poderia ser de outra maneira, tentamos conjugar teoria e prática, e o resto fica a cargo dos distintos participantes da comunidade educativa.

FORMAÇÃO PARA TRANSFORMAÇÃO. A ORIGEM DAS CA EM SEVILHA

LUIZA LÓPEZ GÓMEZ E ELOÍSA NOGALES
FALANTES / ASSESSORAS DE FORMAÇÃO DO
CEP DE SEVILHA

Um projeto tão ambicioso e complexo como o de transformar um centro educacional em comunidade de aprendizagem (CA) não pode ser entendido se não for acompanhado pelas pessoas que o desenvolvem. Nos últimos anos, tornaram-se comuns práticas formativas nos centros educacionais que respondiam às demandas e necessidades parciais, sem a visão global de sua realidade. Essas práticas, muitas vezes, não estavam contextualizadas e, ainda que tenham atenuado ou resolvido problemas locais, não estavam enraizadas na cultura do centro, não contribuía para uma mudança profunda em seu projeto educativo e ficaram, portanto, diluídas no tempo. Nas últimas décadas, surgiu um modelo de formação vinculado ao desenvolvimento profissional do professor, cujo propósito era alimentar uma atitude questionadora que levasse à prática crítica transformadora. Esta tem sido nossa experiência como assessoras de formação no Centro de Professores de Sevilha (CEP).

Depois de vários anos com projetos de Educação Compensatória, o CEIP Andalucía e CEIP Adriano del Valle de Sevilha constatarem que os grupos homogêneos e as aulas de apoio cada vez segregavam mais os alunos. Na busca de modelos educativos inclusivos e através da participação em atividades formativas do CEP de Sevilha, conheceram o projeto de CA e demandaram a formação para iniciar a transformação de seus centros educativos. Realizou-se a fase de sensibilização com o CREA (Centro de Pesquisa em Teorias e Práticas Superadoras das Desigualdades da Universidade de Barcelona), em junho e setembro de 2006, que contou com a participação de, além de todos os professores e das associações e entidades do bairro, familiares, professores da Universidade de Sevilha

e estudantes da Residência Universitária Flora Tristán. No ano letivo de 2006-2007, esses mesmos CEIPs decidiram iniciar o processo de transformação e as primeiras CA de Andaluzia começaram a sonhar.

A comunidade educativa destes centros embarcou na construção conjunta de conhecimentos através de formas cooperativas de trabalho que induziam à interpretação e à análise. Quando uma comunidade trabalha em comunidades de aprendizagem, mergulha em uma “busca comum de significados”, desenvolve sua própria história e sua própria cultura. Nesta perspectiva, as comunidades implementaram mudanças coerentes na vida de todos os seus membros, no ambiente social e intelectual do centro educativo e do entorno social.

Quando esses centros educativos começaram a funcionar, nós, as assessoras de formação, propusemos a Ramón Flecha, catedrático da Universidade de Barcelona e pesquisador principal do projeto do 6º Programa Marco de la Comisión Europea INCLUD-ED, dar continuidade à transformação em CA. Ramón nos sugeriu a realização de uma tertúlia dialógica pedagógica sobre os autores e textos que fundamentaram a parte teórica das CA, um espaço de compartilhamento de reflexões e debate sobre a prática educativa a partir da leitura dos textos científicos, em clima de diálogo igualitário.

A TERTÚLIA DIALÓGICA PEDAGÓGICA

Quase ao mesmo tempo em que os centros educativos começaram o processo de transformação, criou-se a tertúlia dialógica pedagógica do CEP de Sevilha. Nessa tertúlia, participavam todos os professores de CA e todas as pessoas interessadas de outros centros, professores universitários e assessores dos CEP de Sevilha.

Lemos Freire, Flecha, Vygotsky, Bruner, Touraine, Apple e outros autores que sozinhos, provavelmente, não teríamos lido.

Compartilhamos visões diferentes das mesmas leituras; mas, o mais importante foi descobrir o potente caráter formativo da tertúlia, conquistado pela reflexão teórica e compartilhamento de práticas. As tertúlias dialógicas são um instrumento para a transformação social e pessoal. Por isso, continuamos realizando-as no CEP e também nos próprios centros educativos que dão assistência aos professores, família e voluntariado.

A COMISSÃO “COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM” DE SEVILHA

À medida que mais centros da província foram se unindo ao projeto (CEIP Cruz Blanca, IES Diamantino Garcia, etc.), percebemos a necessidade de criar a Comissão CA de Sevilha, formada pelos representantes dos centros da província, as assessorias de referência dos CEP e a Universidade de Sevilha. Entre suas funções estavam: a reflexão e a troca de experiências para o apoio mútuo na realização dos sonhos; a difusão do projeto de CA nos centros educativos que solicitassem; a formação da própria comissão por meio de sua participação na tertúlia dialógica, a formação inicial dos professores novos e o voluntariado que a cada ano incorporam-se aos centros, e facilitar encontros e trocas de experiências e boas práticas entre os professores dos centros CA. Esta comissão, juntamente com a tertúlia dialógica, foram essenciais para a formação de todas as pessoas envolvidas nos CA, em Sevilha. Graças a essas iniciativas, encontros e jornadas provinciais foram organizados, bem como a formação dos professores e voluntariado novo de cada ano e a difusão do projeto de CA. Eduardo, Candelaria, Ángela, Antonio, Eli, Cefe, José Maria e mais colegas percorreram muitos centros educacionais e CEP de Andaluzia, contando entusiasmados suas experiências. Certamente, o mais importante é o trabalho dia a dia, nos centros educativos, de todas as pessoas que constroem as comunidades de



aprendizagem com “brilho nos olhos”, apesar da dificuldade de um trabalho contínuo, devido à instabilidade da equipe docente.

A Secretaria de Educação da Província de Andaluzia reconheceu recentemente o trabalho destes anos e mostrou seu apoio no decreto de 8 de junho de 2012, pelo qual se regulamenta o procedimento de inscrição e continuidade de centros reconhecidos como “comunidade de aprendizagem” e criou-se a Rede Andaluza “Comunidades de Aprendizagem”.

A Secretaria de Educação, consciente do

trabalho que numerosos andaluzes organizados em comunidade de aprendizagem estão realizando e dos bons resultados obtidos, procede a regular, reconhecer e estender esta iniciativa. BOJA (2012).

Assim como mostraram os resultados do projeto INCLUD-ED, a melhora dos resultados escolares, a convivência, a participação da comunidade educativa e a democratização dos centros deram o respaldo a esse reconhecimento. Sentimos que estamos construindo as CA, em Andaluzia, desde o zero, a partir de cada pessoa e de cada um dos

centros que se atrevem a sonhar, a transformar sua realidade social e pessoal, com entusiasmo e esperança. O reconhecimento dessa iniciativa, pela Secretaria de Educação, nos deixou muito felizes.

Por último, gostaríamos de ressaltar a importância de que o centro educativo seja um centro de formação para toda a comunidade educativa. Para tanto, buscamos que o voluntariado e os familiares participassem na formação como foi o caso do II Encontro de CA, celebrado em outubro de 2011, com a presença do professor da Universidade de Barcelona, Ignasi Puigdemívol. A mesa redonda de familiares deixou todos os participantes emudecidos de emoção diante da exposição de suas experiências de vida e pelo que, para eles, significava ser membro de uma CA. Em um momento mágico, fizeram-se presentes os princípios de igualdade de diferenças, inteligência cultural, criação de sentido..

BIBLIOGRAFIA

» BOJA (2012). Orden de 8 de junio de 2012, del Boletín Oficial de la Junta de Andalucía, por la que se regula el procedimiento de inscripción y continuidad de centros reconocidos como “comunidad de aprendizaje” y se crea la Red Andaluza “Comunidades de Aprendizaje”. Núm. 126. P. 46.

» INCLUD-ED Project. Strategies for inclusion and social cohesion in Europe from education, 2006-2011. 6th Framework Programme. Citizens and Governance in a Knowledge-based Society. CIT4-CT-2006-028603. Directorate-General for Research, European Commission.

A COMUNIDADE EDUCATIVA COMO PRINCÍPIO FORMATIVO NO CEIP LEKEITIO

XABIER ITURBE / DIRETOR DO CEIP LEKEITIO

A formação permanente, tanto dos professores como dos familiares e outras pessoas relacionadas com o entorno educativo, é uma das prioridades estratégicas das comunidades de aprendizagem (CA). Em contraste com um ponto de vista mais convencional, destacamos a importância concedida à formação deliberada de pessoas que não são professores, especialmente os familiares, como um dos eixos fundamentais de melhoria da qua-

lidade de ensino e, mais concretamente, do êxito acadêmico e do clima de convivência nos centros educacionais.

No CEIP de Lekeitio, são desenvolvidos processos formativos múltiplos há mais de 10 anos, e os bons resultados obtidos incluem tanto aspectos acadêmicos, quanto pessoais.

FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

» Formação inicial: sensibilização

Em nosso centro educacional falamos pela primeira vez em comunidades de apren-

dizagem em 2000. Naquele momento não era fácil imaginar que a mudança de século nos faria embarcar em uma sucessão de transformações fundamentais até chegar à atual comunidade educativa.

No entanto, algo germinou naquela apresentação inicial, já que posteriormente, deu-se lugar à organização da formação básica ou fase de sensibilização dos professores, agentes educativos e familiares que quiseram ou puderam comparecer. Esta primeira semana de formação (30 horas) centrou-se,

fundamentalmente na aquisição das noções básicas que sustentam o projeto, assim como na reflexão conjunta sobre a situação do centro educacional. No nosso caso, deve-se ressaltar que esta primeira fase pôde realizar-se dentro do horário escolar graças à ajuda de familiares e outras pessoas que, durante uma semana inteira, se responsabilizaram pelas turmas e pelas aulas dos alunos (400 meninos e meninas). Esta semana “mágica”, inimaginável na rotina escolar, com mais de 100 adultos empenhados no mesmo sonho, marcou um antes e um depois em muitos dos participantes, tanto meninos e meninas quanto professores, familiares e voluntariado.

» Formação contínua: tertúlias dialógicas

Uma fase inicial formativa é seguida por outros ciclos de aprofundamento, para delimitar os temas e abrir caminhos de melhoria e mudanças de acordo com as necessidades. Em nosso caso, este segundo período materializou-se através das tertúlias dialógicas. Isto é, discussões e reflexões conjuntas sobre livros relacionados com o projeto de CA ou com aspectos básicos propostos por ele. Este tipo de formação é realizada

em horário escolar, em sessões quinzenais de duas horas, das quais participam toda a equipe de professores.

» Formação focalizada: seminários formativos

Depois de mais de 10 anos favorecendo as atuações e estratégias de sala de aula que incidem na melhora dos resultados académicos, queríamos dar um passo além na concretização e transformação do currículo mediante a criação de cinco seminários: línguas, matemática, ciências, novas tecnologias e convivência. Através da formação autónoma de todos os professores, buscamos novos pontos de conexão entre um currículo que reflita a excelência e as atuações de êxito contrastadas pelas CA. Cada seminário é composto por 10 professoras e professores, que se reúnem duas horas por semana em torno de um projeto planejado, inicialmente, para quatro anos.

FORMAÇÃO DE FAMILIARES E OUTRAS PESSOAS DA COMUNIDADE EDUCATIVA

» Formação inicial sobre comunidades: o projeto em si mesmo

A cada ano letivo comparecem novos

familiares e novas pessoas voluntárias ao centro educacional, e muitas delas, como é lógico, desconhecem as linhas mestras do projeto educativo vigente. Com estes familiares e demais pessoas voluntárias (alunos do Ensino Fundamental II e Médio) é necessário organizar ciclos de formação inicial para apresentar as metas definidoras e os âmbitos de atuação das comunidades de aprendizagem. Nestas sessões básicas ressaltamos a transcendência que adquire a participação dos familiares e de outras pessoas na gestão-organização do centro educacional, assim como nas conquistas académicas superiores e na melhoria do clima escolar. Também, destacamos o evidente protagonismo que já estão adquirindo alguns familiares nas comissões mistas criadas (grupos de trabalho compostos fundamentalmente por familiares, alunos, professores e outras pessoas da comunidade escolar) e nos grupos interativos (linguagem, matemática e inglês) que são organizados no centro educacional.

Todas as modalidades de formação aqui descritas são desenvolvidas graças ao trabalho conjunto de familiares e professores, seja através da AMPA, seja através das comissões mistas. E têm como resultado, entre outros, dois aspectos notáveis: por um lado, a melhoria das competências pessoais junto com um maior engajamento na aprendizagem dos seus filhos e filhas, e, por outro lado, o aumento da coesão e da confiança entre os diversos agentes educativos ao confluírem em uma verdadeira comunidade de aprendizes e de aprendizagem.

¹ Aubert, A; Flecha, A; García, C; Flecha, R; Racionero, S. (2008). Aprendizaje dialógico en la Sociedad de la Información. Barcelona: Hipatia.

Elboj, C., Puigdemívol, I., Soler, M. & Valls, R. (2002). Comunidades de aprendizaje. Transformar la educación. Barcelona: Graó. Gobierno Vasco. (2002). Comunidades de aprendizaje en Euskadi. Vitoria-Gasteiz: Servicio central de publicaciones del Gobierno vasco.

² Vigotsky, L. (1979). El desarrollo de los procesos psicológicos superiores. Barcelona: Crítica

³ Para todos os anos letivos, além de organizar conversas informativas sobre os aspectos fundamentais do projeto de comunidades de aprendizagem, é editado um guia para os familiares em que se expõem tais aspectos junto com alguns dos objetivos estratégicos definidos para este ano letivo específico.



ESCOLA. Diretor: Pedro Badía. Redatora Chefe: Loca García-Ajofrín. Redação: Pablo Gutiérrez del Álamo e María Piedrabuena.

Assinaturas e Atenção ao Cliente: C/Collado Mediano, 9 - 28230 Las Rozas (Madrid) - Telefone: 902 250 510 - Fax: 902 250 515

Edição: WOLTERS KLUWER ESPAÑA, S.A. www.wke.es Conselheiro Delegado: Salvador Fernández. Diretor Geral: Eduardo Garcia. Diretora de Publicações: Carmen Navarro. Depósito Legal: M-50-929-2007. ISSN: 1888-2781.

Paginação: María Piedrabuena

Coordenação: CREA-UB

Elaboração:

ESCUELA



Tradução: Gabriela Doll Ghelere

